

Sarney afirma que

Economia

Jornal de Brasília

“ágio sempre existiu”

Arquivo

Leite, carne e carne são realmente os problemas que o Governo enfrenta na era pós-Plano Cruzado, aceitou o próprio presidente José Sarney, ontem de manhã, no Palácio do Planalto, numa conversa informal com os jornalistas. “São os únicos problemas surgidos” — completou Sarney.

Na conversa, o presidente explicou que estes problemas são “mais de administração do crescimento, que serão resolvidos, via investimentos, no Plano de Metas”. Ele acabou aceitando até mesmo a existência do ágio em diversos produtos, dizendo que “o ágio sempre existiu”.

“A situação seria pior se os índices mensais continuassem nos 15% de inflação”, continuou o presidente. Ele se defendeu, no caso da falta dos três produtos (leite, carne e carne), dizendo que “eles sumiram mais por aumento do consumo”.

No caso do leite, o presidente afirmou que isso se deveu à distribuição diária de 1.630.000 litros “a quem nunca bebeu”. Na parte da carne, o presidente lembrou que “o consumo aumentou 20% numa hora em que estava saindo de uma seca, no Sudeste brasileiro”.

O presidente Sarney voltou a defender o Plano Cruzado que, segundo ele, “acabou com a inflação inercial, com a correção monetária e impediu o recrudescimento da especulação”. E continuou o presidente, noutra parte da conversa: “O Plano tirou a bandeira da oposição”.

O presidente José Sarney não vai discutir sobre a dívida externa brasileira, ou problemas econômicos, na viagem que fará aos Estados Unidos, no próximo mês. “Vou como presidente de uma grande nação visitar o presidente de outra grande nação. Não vou pedir nada”, afirmou ontem, acrescentando que o dia em que um presidente sair para conversar sobre calçados ou aço estará discriminando a própria nação.

Numa conversa de cerca de 10 minutos com os jornalistas, ontem, o presidente disse que irá aos Estados Unidos para tratar de assuntos bilaterais e temas de política externa. E nada mais acrescentou. Enquanto sua viagem é preparada, o presidente Sarney contou que também estão sendo previstos atos jurídicos que darão a partida para a Reforma Administrativa, que, segundo afirmou, deverá ser divulgada dentro de duas semanas.

“Trata-se de um assunto muito complexo”, afirmou, destacando que a Reforma Administrativa não se esgotará neste Governo e argumentando

que o assunto vai além de atos jurídicos, exigindo ainda uma mudança de mentalidade, especialmente do funcionalismo público. Mais ainda, com a Reforma Administrativa, o presidente Sarney disse que pretende acabar com a pistolão político, que, em seu entender, termina representando um peso para os políticos, deixando-os, assim, com mais tempo para tratar da política. “Temos que liberá-los desse peso”, enfatizou.

Com a Reforma Administrativa, o funcionário público não terá apenas melhores vencimentos, segundo o presidente Sarney, mas a possibilidade de ascensão funcional e consciência de seu papel na sociedade. Para explicar seu entusiasmo com as mudanças que virão, ele citou o caso da Itália, onde ficou sabendo, através de conversa com o presidente Francesco Cossiga, que mudaram apenas 16 funcionários com a queda do gabinete daquele país, em contrapartida, o presidente Sarney lembrou que o Brasil tem mais de cem centros de treinamento e aperfeiçoamento de pessoal e destacou o que chamou de “camaval”, referindo-se aos diversos esquemas de contratação de pessoal no Brasil, afirmando que é preciso acabar com isso. Apenas 6% dos funcionários são estatutários, ressaltou.

O governo não está preocupado com o momento eleitoral nessa definição da Reforma Administrativa, cujos pontos não foram adiantados pelo presidente Sarney. Segundo explicou, a demora na definição da matéria deve-se fundamentalmente à complexidade do assunto, que vem sendo examinado exaustivamente, com reuniões que vão até a madrugada e não ficam restritas ao Palácio do Planalto, chegando até o Alvorada.

Entre os preparativos da viagem para os Estados Unidos e estudos da Reforma Administrativa, o presidente Sarney também tem que dedicar minutos de sua agenda aos problemas políticos dos estados, ouvindo, inclusive, queixas mútuas que fazem candidatos da Frente Liberal e do PMDB, integrantes da Aliança Democrática. Mas esses são problemas resolvidos dentro de casa, como destacou ontem. O presidente disse que, de sua parte, não fará política nem mesmo no Maranhão. O caso de São Paulo, por exemplo, afirmou que tem que ser resolvido no próprio estado. São Paulo e Minas Gerais, de acordo com o presidente, que são grandes estados, devem resolver internamente seus problemas.